

RELEITURA DOS ANARQUISTAS CLÁSSICOS BAKUNIN E STIRNER NAS CANÇÕES DE RAUL SEIXAS: UM CASO DE INTERTEXTUALIDADE LITERÁRIA.

Clauberici de Souza SALES¹

RESUMO

Objetivamos analisar as canções “Eu sou egoísta” e “A ilha da fantasia”, produzidas pelo cantor e compositor Raul Seixas, a partir de uma perspectiva da intertextualidade e dos pressupostos desenvolvidos pelos autores anarquistas, estabelecendo uma relação entre as letras das músicas e as teorias anarquistas. Para isso, nos debruçamos sobre os estudos desenvolvidos a partir da ideia de anarquismo proposta pelos autores Bakunin, citado por Guérin (1983) e Stirner (1844) e mais recentemente por Noam Chomsky (2011) e nos estudos sobre intertextualidade feitos por Cavalcante; Brito; Zavam (2017). Concluímos que as letras das músicas escritas e cantadas pelo cantor Raul Seixas que foram analisadas, trazem em sua composição muitas expressões utilizadas por adeptos do anarquismo dos tempos passados, o que nos faz defender que o autor inspirava-se nos pressupostos anarquistas e suas letras são permeadas por intertextualidade.

Palavras-chave: Intertextualidade, Anarquismo, Raul Seixas, Canção.

ABSTRACT

We aim to analyze the songs “Eu sou egoísta” and “A ilha da fantasia”, produced by singer and composer Raul Seixas, from a perspective of intertextuality and assumptions developed by anarchist authors, establishing a relationship between the lyrics of the songs and the anarchist theories. For that, we look at the studies developed from the idea of anarchism proposed by the authors Bakunin, quoted by Guérin (1983) and Stirner (1844) and more recently by Noam Chomsky (2011) and in the studies on intertextuality made by Cavalcante; Brito; Zavam (2017). We conclude that the lyrics of the songs written and sung by the singer Raul Seixas that were analyzed, bring in their composition many expressions used by adepts of anarchism of the past, which makes us argue that the author was inspired by the anarchist assumptions and his lyrics are permeated by intertextuality.

Keyword: Intertextuality, Anarchism, Raul Seixas, Song.

¹ Discente do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

INTRODUÇÃO

A descoberta da obra de Raul Seixas, para muitos da minha geração, se deu de maneira bastante peculiar. Quando tinha doze anos de idade, em 1989, ganhei de presente um disco chamado “**PluctPlactZuum**”², com canções de artistas bastante populares no cenário musical brasileiro, como Fafá de Belém e Erasmo Carlos.

Uma das canções em particular chamou-me a atenção, a música “Carimbador Maluco”, que eu já conhecia de um especial da Turma do Balão Mágico³. Foi a partir deste contato com universo infanto-juvenil que passei a interessar-me mais pelas músicas do chamado “Maluco Beleza”, como Raul Seixas era conhecido.

Outra provável recorrência, para aqueles que eram crianças nos anos 80 e seguiram por caminhos ligados às Humanidades em suas graduações universitárias, é que muitos de nós tenhamos percebido o quanto de subtexto político havia naquela canção e em diversas outras compostas e/ou compostas por Raul.

Para mim, veio quando adquiri um exemplar da revista *Shopping Music especial*⁴, que trazia Raul na capa, e dentro matérias que citavam um texto de Proudhon, texto que teria sido a inspiração para a canção “Carimbador Maluco”. Foi a partir de então que o tema Anarquismo passou a fazer parte das minhas pesquisas também.

No presente trabalho trataremos de duas canções específicas de Raul Seixas que exprimem ideais anarquistas presentes nos escritos de pensadores clássicos como Bakunin, publicado por Guérin (1983) e Stirner (1844): Eu sou poeta e A ilha da fantasia.

Assim, partindo de uma análise focada na intertextualidade literária (CAVALCANTE; BRITO; ZAVAM, 2017) que acreditamos dialogar com os estudos de Literatura Comparada apresentados por Tânia Carvalhal (2006), pretendemos analisar canções de Raul em que esses ideais estejam presentes.

²**Plunct, Plact, Zuum** foi um programa especial infantil exibido na Rede Globo, no dia 3 de junho de 1983 às 21:30 - na faixa conhecida como “*Sexta Super*”.

³Turma do Balão Mágico era um grupo musical formado por Jairzinho, Mike, Simoni e Tob.

⁴Revista Shopping Music, ano02. Nº 7.ano 2 nº 7

Nosso objetivo é observar se houve uma influência direta ou indireta por parte de Raul de obras anarquistas, e, se houve, como foi plasmada pelo artista em sua obra.

O artigo está dividido em introdução, onde apresentamos nossas questões de pesquisa e as motivações que nos levaram a desenvolvê-la; primeiro tópico, em que apresentamos a base científica de nossa pesquisa localizada dentro do escopo da literatura comparada; segundo tópico, onde apresentamos uma breve biografia de Raul Seixas; terceiro tópico, onde abordamos o anarquismo e a relação desta corrente filosófica com o trabalho de Raul Seixas; quarto tópico, em que realizamos nossa leitura comparativa e, por fim, nossas considerações finais.

1. LITERATURA COMPARADA E INTERTEXTUALIDADE

Carvalho (2006) nos traz a seguinte definição de literatura comparada:

Pode-se dizer, então, que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. [...] Antes de tudo, porque esse não é um recurso exclusivo do comparativista. Por outro lado, a comparação não é um método específico, mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação. É um ato lógico-formal do pensar diferencial (processualmente indutivo) paralelo a uma atitude totalizadora (dedutiva)... (CARVALHAL, 2006, p. 07 e 08).

Podemos compreender, a partir dessa consideração, que literatura comparada não pode ser classificada como um montante de interpretações, nem seguir uma única regra. Ainda segundo Carvalho (2006), o papel de comparar é estabelecer relações entre diferentes textos e por meio desse comparativo definir paralelos entre as obras comparadas.

A autora aponta que, sob a rubrica de “escola francesa, aloca-se uma perspectiva de trabalho que enfatiza, sobretudo, as questões de estudo de fontes e influências, seja de um determinado autor sobre outro, seja de uma literatura nacional sobre outra” (CARVALHAL, 1994; 2004).

Em outra parte do mesmo livro, a professora Tania Carvalho apresenta o conceito de Intertextualidade, que aprofunda e atualiza o ponto de vista da escola francesa acima mencionada.

Julia Kristeva descreve como um texto literário é construído através da leitura e releitura de outras obras literárias: “todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, se instala a de intertextualidade, e a linguagem poética se lê, pelo menos, como dupla” (KRISTEVA apud CARVALHAL, 2006, p. 50).

Por isso, podemos ponderar que de certa forma existia a perspectiva de intertextualidade na teoria da Literatura Comparada antes mesmo do termo ser amplamente estudado como fontes de influências entre textos.

Vale ressaltar que em nosso trabalho não pretendemos definir o gênero canção como sendo Literatura, portanto, é importante pensar em canção como arte literária, ou seja, arte com palavras.

Para tanto, basta que o leitor saiba que além da linguagem oral a canção possui uma linguagem escrita, logo um gênero textual.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), apesar de definir a canção como língua oral, apontam para uma análise e reflexão sobre a língua, a canção como um dos gêneros adequados para o trabalho com a linguagem escrita, junto com poemas, parlendas, e outros (BRASIL, 1988, p. 82).

Cavalcante; Brito; Zavam (2017) definem intertextualidade da seguinte forma: “Entendemos a intertextualidade como um fenômeno que se manifesta de forma implícita ou explícita entre textos ou entre estilos (de gêneros discursivos ou de autores), ou ainda entre textos com a mesma temática” (pág. 1).

As autoras apontam para existência de dois tipos de inserção intertextual, ou copresença: as referências e alusões. Vejamos:

As referências a personagens e a quaisquer entidades de um texto original são bastante diretas, por isso explícitas. Já as alusões, não, são referências apenas indiretas. Opera-se uma alusão quando se faz uma espécie de referência por pistas; não se diz claramente a que se está referindo, mas se fazem insinuações contextuais. Os dois processos caminham juntos, em geral, pois, quando se faz referência direta a traços típicos de um texto, também se está aludindo ao texto como um todo, obviamente. O fato é que as referências são mais explícitas, ao passo que as alusões, de tão implícitas ou indiretas, nem sempre são alcançadas por alguns interlocutores (CAVALCANTE; BRITO; ZAVAM, 2017, p. 5- 6).

Assim, seguindo essa perspectiva, esse trabalho aponta os textos de pensadores considerados anarquistas como fonte de influência nos textos analisados do compositor Raul Seixas, e busca refletir sobre a intertextualidade entre alguns escritos sobre Anarquismo e algumas canções do cantor e compositor.

2. UM BREVE RESUMO BIBLIOGRÁFICO DE RAUL SEIXAS

O compositor e músico brasileiro Raul Santos Seixas, nasceu em Salvador em 28 de junho de 1945, no Estado da Bahia, e morreu em 21 de agosto de 1989 em São Paulo. Filho do engenheiro ferroviário Raul Varella Seixas e da dona de casa Maria Eugênia Seixas⁵. Antes de se tornar um artista reconhecido como cantor e compositor, estudou alguns semestres de Filosofia na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Assim o descreve o professor Edvaldo Souza Couto, da UFBA:

Se, de um lado, Raul Seixas faz referências, em muitas das suas composições, a certas ideias recorrentes na História da Filosofia, de outro, a própria Faculdade de Filosofia ainda hoje “cultua” seu ilustre ex-aluno. A entrada no pavilhão de aulas se dá pelo “Pátio Raul Seixas”. Esse é o principal espaço de sociabilidade entre alunos de Ciências Sociais, Antropologia, Museologia, História, Psicologia e Filosofia. (LUCENA, 2002. p.12)

A vasta biblioteca de seu pai era o ambiente onde passava a maior parte de seu tempo. E foi daí que veio o gosto pela palavra e a miopia precoce. Passava muitas horas trancado no quarto devorando o “Livro dos Porquês”, e o “Tesouro da Juventude”. Inventava histórias fantásticas que, transformadas em gibis, e com desenhos do próprio Raul, eram vendidos ao irmão caçula, Plininho (Plínio Santos Seixas, três anos mais novo). Melô era o personagem central de suas histórias, um cientista louco que viajava no tempo com figuras históricas, Deus e o Diabo.

Destes primórdios de sua vida, ainda antes de se tornar um dos cantores mais populares da história da música brasileira, fica marcada a sua relação com as leituras e os estudos, e principalmente sua porção criativa digerindo e gerando novas obras a partir das publicações com as quais teve contato.

3. O ANARQUISMO

Falar dessa corrente histórico-filosófica nunca foi fácil e continua não sendo, pois em meio a muitas distorções ao longo da história o tema ganhou sinônimos

⁵Trecho extraído da biografia do músico em seu fã clube oficial na internet <https://raulsseixas.wordpress.com/biografia-raul-seixas/>

negativos, sendo desordem o principal deles. Assim, Caio Túlio César⁶, descreve a dificuldade de definir o tema sem diminuí-lo:

No sentido comum, anarquia sempre foi o caos, a desordem. A palavra transformou-se em sinônimo de bagunça e os cronistas e historiadores de hoje jamais lograram repor o significado veraz de um passado glorioso e, no mínimo, construtivo. Por paradoxal que pareça, anarquia não é bagunça, muito menos ordem. Também, não há dúvida, foram os próprios anarquistas a colaborar para a imagem que se faz deles; como nunca quiseram tomar o poder, é óbvio que jamais iriam fazer de suas representações as imagens oficiais na mente dos homens.(COSTA, 1980. P. 04).

Daniel Guérin em seu livro intitulado **Anarquismo** traz uma questão de definição do que seria anarquia:

A palavra anarquia é tão velha quanto o mundo. Deriva de duas palavras do grego antigo: na (sem) e arkhê (autoridade, governo), e significa ausência de autoridade ou de governo. Mas o preconceito, reinante durante milênios, segundo o qual os homens não poderiam viver sem autoridade nem governo deu ao termo anarquia um sentido pejorativo: sinônimo de desordem, de caos, de desorganização. (GUÉRIN, 1968. P.19).

Noam Chomsky⁷ aponta em seu livro, **Notas sobre o Anarquismo**, que é sua maior compilação sobre o assunto, considerações feitas pelo historiador anarquista Rudolf Rocker, em uma concepção similar a de Guérin, colocando bem o problema suscitado sobre o anarquismo:

Não é um sistema social fixo e fechado, mas uma tendência definida no desenvolvimento histórico humano, que, em contraste com a tutela intelectual de todas as instituições governamentais e clericais, luta para o livre desenvolvimento, sem qualquer bloqueio, de todas as forças individuais e sociais da vida. Mesmo a liberdade é apenas um conceito relativo, não absoluto, visto que ela tende, constantemente, a tornar-se mais ampla e afetar círculos mais extensos, das mais variadas maneiras. Para o anarquista, a liberdade não é um conceito abstrato e filosófico, mas a possibilidade concreta essencial. (CHOMSKY, 2011. P.17)

Por isso o anarquismo não pode ser definido como algo taxativo e permanente, pois vem desenvolvendo-se a partir de novas perspectivas através dos anos. Se alguém indagar a um anarquista moderno como Chomsky, por exemplo, se o anarquismo ainda defende o fim do governo, ele diria que não, pois segundo ele, a estrutura governamental serviria para garantir através de leis que a igualdade entre os seres humanos fosse garantida, mesmo que isso pareça autoritário e contrário aos ideais anarquistas. Vejamos as palavras do próprio Chomsky:

⁶Escreveu o livro “O que é Anarquismo” da coleção primeiro passos.

⁷Linguísta e ativista político que escreve a introdução do livro **Anarquismo** de Guérin.

Creio que o anarquismo só tem sentido ao buscar e identificar estruturas de autoridade, hierarquia e dominação em todos os aspectos da vida, e questioná-las; e a não ser que se justifiquem, estas estruturas são ilegítimas e devem ser desmanteladas, visando a extensão da alma humana. (CHOMSKY, 2011. P. 14)

Assim, para Chomsky, não são todas as estruturas governamentais que devem ser desconstruídas, mas sim aquelas autoritárias, pois um estado democrático representa uma possibilidade de garantia da promoção de igualdade para setores sociais desprotegidos contra os ataques dos “ferozes capitalistas”, ou seja, a tirania privada. Isso é o que ele chama de “Teoria da jaula”.

Para Chomsky, trata-se de ampliar o interior dessa jaula para a proteção de frações cada vez maiores de cidadãos, ainda expostos a condições precárias de vida. E isso contraria anarquistas clássicos como Proudhon, Bakunin, e Stirner que declaram o Estado como inimigo. Mas, como dito anteriormente, essa ideia de anarquismo vem sendo remodelada com o passar de quase dois séculos.

Contudo, esses ideais libertários contrários ao sistema capitalista estão presentes até hoje nos corações de libertários que são contra a exploração do homem pelo trabalho.

É importante considerar ainda que o Anarquismo não foi uma corrente unificada. Existiram alas mais radicais que foram inspiradas por Bakunin, que se identificava como amante fanático da liberdade e participou de várias insurreições, assim como alas mais moderadas como pregava Kropotkin, que aceitava a violência, mas a contragosto e somente porque a considerava inevitável na etapa do processo humano (COSTA, 1980).

3.1 Possíveis Influências Anarquista na vida e na obra de Raul

E qual seria o papel das canções de Raul? O que podemos citar de ideais Anarquistas em sua obra?

Ora, convenhamos que tais ideais “... *não dá no rádio nem está nas bancas de jornais...*”⁸.

Como os meios de comunicação em massa não difundiam esses ideais, já que não era do interesse do governo nem da elite dominante da época, pois ainda

⁸ Canção de mesmo nome do álbum **Novo Aeon** que é o quarto álbum de estúdio solo do cantor e compositor brasileiro Raul Seixas, lançado em 12 de novembro de 1975 pela gravadora Philips Records.

era o período de ditadura militar, temos nas canções de Raul a difusão deles em forma de canção. Por isso a importância da obra de Raul na divulgação dos ideais anarquistas que, de outra forma, dificilmente chegariam a um grande número de pessoas, ou seja, àqueles que estão inseridos nas classes menos favorecidas pelo capital, fazendo-as refletir. Compõem essas classes os estudantes, trabalhadores e trabalhadoras, cidadãos e cidadãs comuns e tais ideais propõe uma reflexão sobre os seus papéis dentro da sociedade.

Acreditamos que esses fundamentos anarquistas influenciaram o cantor e compositor brasileiro Raul Seixas. Afinal, a ideia de sociedade alternativa não surge do nada e não foi só uma canção, foi um movimento, que inclusive levou Raul ao exílio, segundo o próprio Raul em entrevista à repórter Luiza de Oliveira publicada pela revista BIZZ em sua edição de janeiro de 1986. *"Fui torturado mesmo no governo Geisel. Me pegaram no Aterro do Flamengo, me botaram uma carapuça e fiquei três dias num lugar desconhecido...Depois me colocaram num aeroporto e fui direto para o Greenwich Village"* (bairro nova-iorquino),(SHOWBIZZ, 1999). Tal ideia tinha um lugar para implantação já reservado.

O nome era Sociedade das Estrelas. Raul também falou de uma cidade de cabeça para baixo na canção "De cabeça pra baixo", do álbum **O Dia em que a Terra Parou**⁹.

Mas, independente do nome, era uma sociedade alternativa, ou seja, uma sociedade baseada na comunhão de bens e produção como a idealizada inicialmente por Proudhon e defendida pelos seus seguidores posteriormente.

Emília Saraiva Nery em seu artigo relata que Raul, em manuscritos datados ainda de 1973, já fazia planos do projeto de construção da Cidade das Estrelas e conclamava todas as pessoas, sem distinção, a se congregarem em torno da cidade alternativa em questão:

Estamos começando um grande empreendimento e nossas portas estão abertas para qualquer ser humano que deseje unir-se a nós, não importando a sua nacionalidade, religião, raça, bandeira ou cargo. Para isso foi comprado um terreno pela Sociedade Alternativa em Paraíba do Sul, onde construiremos A Cidade das estrelas, cuja lei será Faze o que tu queres... (SEIXAS, 1973 apud INGER,2005)

⁹O **O Dia em que a Terra Parou** é o sétimo álbum de estúdio de carreira solo do cantor e compositor brasileiro Raul Seixas, sendo o primeiro gravado e lançado pela gravadora WEA, em 1977.

Uma sociedade concebida sobre esses princípios esteve presente no Brasil por volta de 1890 com uma experiência fracassada de uma comunidade anarquista, a Colônia Cecília, fundada por Giovane Rossi e imigrantes italianos em terras doadas por D. Pedro II para uma experiência comunitária (COSTA, 1980, p.117).

É necessária uma breve explicação: A canção “Sociedade Alternativa”, em parceria com Paulo Coelho foi lançada no álbum **Gita**¹⁰, em que se diz “faz o que tu queres, pois é tudo da lei” que faz referencia ao “Livro da Lei” de Aleister Crowley¹¹ (1904).

No entanto, o que nos interessa é o ideal anarquista presente nesse modelo de sociedade e não o ocultismo, elemento que apesar de estar presente nessa canção, não é um princípio anarquista. Trataremos no tópico seguinte sobre a presença do anarquismo nas músicas de Raul.

4. RELENDO CLÁSSICOS ANARQUISTAS ATRAVÉS DE RAUL

Antes de começar nossa leitura comparativa de Raul, sob os preceitos de Bukinin e Stiner, discorreremos um pouco sobre a perspectiva teórica do autor que deu início ao campo teórico do anarquismo, **Pierre Josef Proudhon** (1809-1865). Assim o define Daniel Guérin:

Pierre Josef Proudhon tem em suas obras um vasto material. Por isso não é fácil falar em poucas linhas desse operário, filho de camponês e considerado por muitos um gênio. Tanto que um crítico literário chamado Sainte-Beuve lhe dedicou um livro inteiro. Também foi tema da tese de doutorado de Pierre Hauptmann, onde foram revelados manuscritos inéditos.(GUÉRIN, 1983, P.9)

Nesse pequeno trabalho não analisaremos a fundo Raul/Proudhon, tema riquíssimo e que já foi debatido em revistas, jornais e artigos, mas comentaremos apenas introdutoriamente a relação entre o texto e a canção.

¹⁰**Gita** é o terceiro álbum solo do compositor e cantor brasileiro Raul Seixas, gravado na Philips (atual Universal Music) e lançado em 1974.

¹¹Escritor britânico conhecido por tratar de magia e ocultismo.

O caso mais famoso, provavelmente, desta intertextualidade anarquista na obra de Raul é a canção “Carimbador Maluco” do álbum de 1983¹², faixa também presente no famoso musical televisivo PlunctPlact Zum, como já dissemos no início deste trabalho. Podemos começar pelo seguinte trecho: [...]“*Tem que ser selado, registrado, carimbado, avaliado, rotulado se quiser voar*[...]”que parece ser uma paráfrase de Proudhon que relata em seu texto sobre a ideia de ser governado da seguinte forma:

“Ser governado significa ser observado, inspecionado, espionado, dirigido, legislado, regulamentado, depositado, doutrinado, (...), notado, registrado, arrolado, tarifado, timbrado, medido, taxado(...)”.(GUÉRIN, 1983, p.79).

Não poderíamos deixar de citar Proudhon nesse trabalho, mas também não teríamos linhas suficientes para estudá-lo a fundo. A seguir analisaremos outros dois autores anarquistas.

4.1. Max Stirner através de Raul.

Max Stirner, pseudônimo de Johann Kaspar Schmidt¹³, escritor e filósofo alemão, desenvolveu o seu trabalho centrado no Anarquismo Individualista. (COSTA, 1980, p.32).

Em **O único e sua propriedade**, sua principal obra, observa-se muito da canção de Raul “**Eu sou Egoísta**”, presente no álbum **Metrô Linha 743**¹⁴. Vejamos:

Se você acha que tem pouca sorte
Se lhe preocupa a doença ou a morte
Se você sente receio do inferno
Do fogo eterno, de Deus, do mal
Eu sou estrela no abismo do espaço
O que eu quero é o que eu penso e o que eu faço
Onde eu tô não há bicho papão não
Eu vou sempre avante no nada infinito
Flamejando meu rock, o meu grito
Minha espada é a guitarra na mão

¹²Esse álbum é intitulado **Raul Seixas**, ou seja, para muitos um álbum sem nome, também conhecido como **Carimbador Maluco**, foi o décimo primeiro álbum de estúdio de Raul Seixas, lançado em 26 de abril de 1983 pela gravadora Eldorado.

¹³Bayreuth, 25 de outubro de 1806 — Berlim, 26 de junho de 1856.

¹⁴**Metrô Linha 743** foi o décimo segundo álbum de estúdio de Raul Seixas, lançado em julho de 1984 pela gravadora Som Livre.

Se o que você quer em sua vida é só paz
Muitas doçuras, seu nome em cartaz
E fica arretado se o açúcar demora
E você chora, você reza, você pede, implora
Enquanto eu provo sempre o vinagre e o vinho
Eu quero é ter tentação no caminho
Pois o homem é o exercício que faz
Eu sei, sei que o mais puro gosto do mel
É apenas defeito do fel
E que a guerra é produto da paz

O que eu como a prato pleno
Bem pode ser o seu veneno
Mas como vai você saber... sem tentar?

Se você acha o que eu digo fascista
Mista, simplista ou antissocialista
Eu admito, você tá na pista

eu sou ista, eu sou ego
eu sou ista, eu sou ego
Eu sou egoísta (2x)
Por que não... Por que não...
Por que não... Por que não...

Destacamos na canção acima:

... Eu sou estrela no abismo do espaço o que eu quero é o que eu penso e o que eu faço onde eu tô não a sombra de Deus...

No trecho da canção vemos a exaltação do “eu” como ser único. Do mesmo modo Stirner exalta o “eu” em sua obra. Temos também no mesmo trecho um afastamento de Deus, afastamento esse que também observamos em **O único**:

... Nada é a causa de Deus e da humanidade, nada a não ser eles próprios. Do mesmo modo, Eu sou a minha causa, eu que, como Deus, sou o nada de tudo o resto, eu que sou o meu tudo, eu que sou o único...(STIRNER, 2004)

Nesse outro trecho da mesma canção temos:

...”Se você acha o que eu digo fascista, mista, simplista ou antissocialista, eu admito, você tá na pista, eu sou ista, eu sou ego eu sou ista, eu sou ego Eu sou egoísta”...

Esse trecho expresso na canção, nos leva a crer que Raul continua fazendo referência a Stirner em sua composição, pois, segundo Guérin, Stiner, pensador anarquista, foi chamado pelos historiadores de “O egoísta” por conta de sua filosofia individualista que propôs formalmente a destruição da sociedade humana para transformá-la em uma União dos Egoístas e assim escreve:

Mas vejam só aquele sultão que tão dedicadamente se ocupa dos «seus». Não será isto o altruísmo em estado puro, não se sacrifica ele hora a hora pelos seus? Exactamente, pelos «seus». Tenta tu mostrar-te uma vez, não como seu, mas como teu, e vais parar às masmorras por teres fugido ao seu egoísmo. A causa do sultão não é outra senão ele próprio: ele é para si tudo em tudo, é único, e não tolera ninguém que ouse não ser um dos «seus». E todos estes brilhantes exemplos não chegam para vos convencer de que o egoísta leva sempre a melhor? Por mim, extraio daqui uma lição: em vez de continuar a servir com altruísmo aqueles grandes egoístas, sou eu próprio o egoísta. (STIRNER, 2004, P.10)

Assim, pelo que foi analisado, acreditamos que o texto de Stirner foi uma influência para a canção de Raul, e este usou de sua criatividade e expressão como artista para fazer uma referência à obra anarquista do pensador analisado.

4.2. Bakunin através de Raul

Mikhail Aleksandrovitch Bakunin¹⁵ foi um teórico político, sociólogo, filósofo e revolucionário anarquista. É considerada uma das figuras mais influentes do anarquismo e um dos principais fundadores da tradição social anarquista (COSTA,1980, p.39).

Gostaríamos de fazer uma pequena observação antes de iniciarmos nossa análise comparativa. Na canção “Mamãe Eu Não Queria” do álbum Metrô Linha 743, citado anteriormente, temos, “mamãe eu não queria servir o exército,... mamãe eu morreria” Raul expressa sua rejeição ao serviço militar obrigatório. Por coincidência, ou não, essa canção retrata a fase adolescente de Bakunin, que aos dezesseis anos fingiu uma doença para abandonar o exército russo, obrigatório para os jovens. (COSTA, 1980).

Agora iniciaremos nossa análise comparativa, que se dará através da canção e do texto a seguir.

Compararemos a canção “A Ilha da Fantasia” do álbum **“Por Quem os Sinos Dobram”**¹⁶, e um texto extraído do livro de Guérin **“Bakunin: textos escolhidos(1983)”**.

A Ilha da Fantasia

Raul Seixas

¹⁵30 de maio de 1814 — Berna, 1 de julho de 1876.

¹⁶**Por Quem os Sinos Dobram** é o nono álbum de estúdio solo de Raul Seixas, lançado em 1979.

Vamos logo que já tá na hora de zarpar
Vem sem medo que não vamos naufragar
Navegador!
Não se esqueça, meu amigo, de chamar o seu vizinho
Navegador!
Vê se na praça tem alguém para vir
A barca de Noé já vai partir, navegador
A barca de Noé já vai partir

Navegador!
Não se esqueça, meu amigo, de chamar o seu vizinho
Navegador!
Vê se na praça tem alguém para vir
A barca de Noé tá pra sair, navegador
A barca de Noé já vai partir

Vamos escolher bem melhores condições
Longe desse triste carnaval de ilusões
Navegador!
Deixa os que sonham em ser felizes
Habitando o paraíso
Navegador!
Já faz tempo que esperou
Vivendo sobre leis que não criou
Navegador
Vivendo sobre as leis que não criou

Na canção acima temos:

“vamos escolher bem melhores condições/longe desse triste carnaval de ilusões/navegador! deixa os que sonham em ser livres habitando o paraíso/Navegador! Já faz tempo que esperou vivendo sobre leis que não criou, navegador/vivendo sobre leis que não criou navegador”.

Em texto publicado por Daniel Guérin, Bakunin escreve como se parecesse gritar:

“Sou um amante fanático da liberdade, considerando que ela é o único meio em cujo seio podem se desenvolver e crescer a inteligência, a dignidade e a felicidade dos homens; não dessa liberdade formal, outorgada, medida e regulamentada pelo Estado, mentira eterna e que na realidade não representa nunca nada mais do que o privilégio de uns poucos fundado sobre a escravidão de todos;(...).(GUÉRIN,1983,p. 27 e 28)

Podemos observar que essa canção traz as mesmas ideias proferidas por Bakunin, pois para o anarquista em questão, a falta de liberdade está diretamente ligada às leis criadas por legisladores de fora e que, por tanto, contrariam as leis da nossa própria natureza, vejamos:

Não, só aceito uma única liberdade que possa ser realmente digna deste nome (...); a liberdade que não reconheça outras restrições que aquelas que nos são traçadas pelas leis de nossa própria natureza; de maneira que não há, propriamente restrições, pois estas leis não nos são impostas por

nenhum legislador de fora, situando-se ao lado ou acima de nós; elas nos são imanentes, inerentes e constituem a base de nosso ser, tanto material quanto intelectual e moral. Ao invés de achar nelas um limite, devemos considerá-las como as condições reais e como a razão efetiva de nossa liberdade (GUÉRIN, 1983, p. 27 e 28).

Percebemos, portanto, diante da análise dos trechos dos escritos de Raul e Bakunin, que as ideias de ambos são semelhantes, pois tanto um quanto o outro associam a condição de liberdade ao questionamento às leis criadas de maneira unilateral e sem participação efetiva da sociedade. Assim sob a perspectiva da Intertextualidade percebemos uma alusão feita por Raul ao texto de Bakunin.

Raul nos convida a escolher “melhores condições” ao invés de vivermos presos às leis que não criamos, assim como Bakunin contesta a liberdade outorgada pelo estado que restringe o cidadão e o impede de ser plenamente livre.

Ou seja, nosso “navegador” da canção poderia ser o próprio Bakunin, que abandonou a Rússia em 1839 para dedicar-se a uma vida repleta de peripécias que o faria dar a volta ao mundo participando de quase todas as barricadas que os insurrectos do século XIX levantaram, (COSTA,1980).

Ainda segundo Caio Túlio Costa, sempre onde havia um levante contra o estado que, como único legislador, restringe a liberdade que é o bem primordial do ser humano, Bakunin queria estar presente.

CONCLUSÃO

Em nossas leituras, levando em consideração o olhar crítico da teoria da Literatura Comparada, considerando o gênero canção não como Literatura e sim como texto, sob a perspectiva da intertextualidade, analisamos algumas canções de Raul Seixas que compartilham numerosas ideias em comum com escritos de pensadores considerados anarquistas.

Após nossa investigação, acreditamos que esses escritos influenciaram o compositor não só em suas canções, pois vimos também que o nosso indomável Raul partiu da teoria à ação, idealizando e tentando por em prática uma sociedade alternativa baseada em princípios anarquistas.

Percebemos também que as canções **Eu sou Egoísta** (1983) e **Ilha da Fantasia** (1979) dialogam, respectivamente, com os textos de Max Stiner **O único e a sua propriedade** (2004) e com Michahil Bakunin em texto publicado por Daniel Guérin em **Bakunin Textos escolhidos** (1983).

Portanto, o sentimento que fica para nós, depois de nossas leituras, é que as obras dos anarquistas clássicos citados nesse trabalho tiveram um papel fundamental no contato de Raul Seixas com os ideais anarquistas e o influenciaram nas canções analisadas.

Conclui-se também que a ideia de Anarquismo vem se transformando durante os séculos e que anarquistas modernos como Noah Chomsky não pregam mais o fim total do estado como os anarquistas que apreciamos no presente trabalho. Mas buscam, segundo o próprio Chomsky, identificar estruturas autoritárias e a não ser que se justifiquem, essas estruturas devem ser desconstruídas, com a finalidade de que se construa uma sociedade mais igualitária, onde não haja espaço para, sob o escudo do autoritarismo, uso de violência contra os que se declaram homens e mulheres livres.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

CARVALHAL, T. C. **Literatura Comparada**, São Paulo, ática, 2006.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; ZAVAM, A. Intertextualidade e ensino. In: PAULIUKONIS, A. L.; MARQUESI, Elias, V. M. (Org.). **Linguística Textual e Ensino**. São Paulo: Contexto, 2017.

CHOMSKY, N. **Notas sobre o anarquismo**, São Paulo, Hedra, 2011.

COSTA, C. T. **O que é Anarquismo**, São Paulo, Brasiliense, 1980.

FÊNIX – **Revista de História e Estudos Culturais** Abril/ Maio/ Junho de 2009. Vol. 6 Ano VI nº 2 ISSN: 1807-6971. Disponível em: www.revistafenix.pro.br

GUERÍM, D. **Anarquismo** – Da doutrina a ação, Rio de Janeiro, Gerninal, 1968.

_____. **Bakunin**– Textos Escolhidos, Rio Grande do Sul, L&PM, 1983.

_____. **Proudhon**– Textos Escolhidos, Rio Grande do Sul, L&PM, 1983.

LUCENA, M. **Raul Seixas** - filosofias políticas e lutas. A Verdade Absoluta, São Paulo, MacBel oficina de letras, 2002.

PluctPlactZuum, **Coletânea de Artistas**. Disco sonoro, Som Livre, Rio de Janeiro, 1983.

Revista, **Shopping Music Especial**, ano 02.Nº 7, São Paulo, Nbo Editora, 1998.

Revista, **Showbizz Especial Edição 12**, São Paulo, Editora Abril, 1999

SEIXAS, 1973 apud INGER, S. (Org.). **O Baú do Raul revirado**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p.91.

SEIXAS, R. **Carimbador Maluco**. Composição Raul Seixas. Disco sonoro: Raul Seixas. São Paulo, Eldorado,1983.

_____. **De Cabeça- pra- baixo**. Composição Raul Seixas, Roberto Carvalho. Disco sonoro: O Dia em que a Terra parou. São Paulo, Warner Discos, 1977.

_____. **Sociedade Alternativa**. Composição Raul Seixas, Paulo Coelho. Discosono:Gita. São Paulo, PhilipsPhonogram, 1974.

_____.**NovoAeon**. Composição Raul Seixas. Disco sonoro: Novo Aeon, Universal, (1975).

_____. **Mamãe eu não queria**. Composição Raul Seixas e Kika Seixas. Disco sonoro: Metrô linha 743, Gravadora Som Livre, 1984.

_____.**Eu Sou Egoísta**. Composição Raul Seixas e Paulo Coelho. Disco sonoro: Novo Aeon, Universal, 1975.

_____. **A Ilha da Fantasia**. Composição Raul Seixas e Oscar Rasmussen. Disco sonoro: Por quem os sinos doam, WEA, 1